

O apoio parental na ginástica artística masculina: ouvindo os atletas da seleção brasileira Parental support in men's artistic gymnastics: listening to the athletes of the Brazilian team Apoyo de los padres en la gimnasia artística masculina: escuchando a los atletas de la selección brasileña

*Pauline Peixoto Iglesias Vargas, **Ieda Parra Barbosa Rinaldi, *André Mendes Capraro

*Universidade Federal do Paraná (Brasil), **Universidade Estadual de Maringá (Brasil)

Resumo: O presente artigo teve por objetivo apresentar as narrativas de atletas da seleção brasileira de ginástica artística masculina (GAM) acerca da influência parental em suas carreiras. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco ginastas que participaram das principais competições internacionais entre os anos de 2013 e 2021. Após a transcrição das entrevistas, realizou-se a análise temática dos dados e identificou-se as seguintes unidades temáticas: a cultura esportiva familiar; a inserção na modalidade; o envolvimento da família; o apoio emocional; a emancipação precoce e a família da ginástica. Conclui-se que as famílias que estão inseridas na cultura esportiva tendem a propiciar para as crianças maior contato com diferentes modalidades. Além disso, a inserção na modalidade, bem como a manutenção, depende fortemente dos pais. O envolvimento dos pais inclui a participação em associações esportivas e a mudança de cidade. Quando não houve apoio parental, a iniciação na modalidade se deu mais tarde e o atleta encontrou apoio na família da ginástica. Não foi relatado envolvimento excessivo dos pais que viesse a comprometer o treinamento.

Palavras-chave: esportes ginásticos; esporte de elite; psicologia do esporte; família; carreira esportiva; suporte familiar.

Abstract: This article aimed to present the narratives of athletes from the Brazilian male artistic gymnastics (MAG) team about parental influence on their careers. For that, semi-structured interviews were carried out with five gymnasts who participated in the main international competitions between 2013 and 2021. After transcribing the interviews, the thematic analysis of the data was carried out and the following thematic units were identified: a family sports culture; insertion in the modality; family involvement; emotional support; early emancipation and the gymnastics family. It is concluded that families that are part of the sports culture tend to provide children with greater contact with different modalities. In addition, the insertion in the modality, as well as the maintenance, depends heavily on the parents. Parent involvement includes participation in sports associations and moving to another city. When there was no parental support, initiation into the modality took place later and the athlete found support in the "gymnastics family". Excessive parental involvement that could compromise training was not reported.

Keywords: gymnastic sports; elite sport; sport psychology; family; sports career; family support.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar las narrativas de atletas del equipo brasileño de gimnasia artística GAM sobre la influencia de los padres en sus carreras. Para ello, realizó entrevistas a los principales países internacionales que participaron en los años que participaron en el principal 13 y 2021. Después de cinco de las encuestas, se realizó el análisis temático de los siguientes datos y se estructuró como unidades temáticas: una cultura deportiva familiar; inserción en la modalidad; participación familiar; soporte emocional; la emancipación temprana y la familia de la gimnasia. Se concluye que las familias que se insertan en la cultura deportiva tienden a brindar a los hijos mayores diversas modalidades. Además, la inserción en la modalidad, así como la mantención, depende principalmente de los padres. La participación de los padres incluye la participación en asociaciones deportivas y mudarse a otra ciudad. Cuando había apoyo de los padres, la iniciación en la modalidad no se producía más tarde y la deportista buscaba apoyo en la "familia gimnástica". No se informó una participación excesiva de los padres que pudiera comprometer el entrenamiento.

Palabras clave: deportes gimnásticos; deporte de élite; psicología del deporte; familia; carrera deportiva; apoyo familiar.

Introdução

A primeira medalha olímpica da história da ginástica artística masculina (GAM) brasileira foi conquistada por Arthur Zanetti, em Londres 2012. Depois de tal feito, a equipe brasileira conquistou mais três medalhas nos Jogos

Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. Ademais, o país esteve representado na competição por equipes nas edições olímpicas de 2016 e 2021. Sendo assim, é possível afirmar que o Brasil se tornou, recentemente, um país formador de atletas de elite da GAM (Schiavon & Locci, 2018).

A formação de um atleta de elite é um processo complexo e influenciado por diversos fatores que compõem a trajetória. Entre eles, Farrow et al. (2013) indicam: o

Fecha recepción: 09-05-22. Fecha de aceptación: 17-08-22

Pauline Peixoto Iglesias Vargas
piglesiasvargas@gmail.com

sistema (políticas públicas, filosofia esportiva nacional, financiamento); as chances (local de nascimento, lesões, oportunidades); os fatores individuais (características morfológicas, psicológicas, genéticas, físicas); e os fatores ambientais (treinador, clubes, equipe multidisciplinar, família). Para os autores, esses fatores estão interligados e devem ser observados como um sistema multidimensional de formação de atleta de elite.

Nesse processo complexo é possível observar que a família é um dos componentes relevantes na análise da trajetória esportiva. O apoio parental para a formação de atletas é estudado por pesquisadores da Educação Física e da Psicologia Esportiva (Amado et al., 2015; Amorose et al., 2016; Côté, 1999; Danioni et al., 2017; Knight, 2019; Knight et al., 2017), os quais indicam que, na maioria das vezes, os pais são responsáveis por apresentar o esporte para a criança, por dar condições para que ela frequente as atividades esportivas, e, ainda, fornecer os subsídios necessários para a sua manutenção no esporte.

Vale ressaltar que para essa pesquisa adotou-se o termo pais para referenciar os responsáveis pela criação da criança, seja o pai, a mãe ou qualquer outro indivíduo adulto que assuma esse papel. No entanto, sabe-se que há na literatura estudos que se debruçam acerca das questões de gênero relacionadas a temática. Por exemplo, Alves e Becker (2021) reforçam que a mãe, na maioria das vezes, ocupa o lugar de destaque nos cuidados básicos dispensados à criança.

O suporte parental é essencial para a manutenção do atleta no esporte, especialmente, quando os atletas são crianças e jovens, pois fornecem apoio emocional, formativo e financeiro (Burgess et al., 2016). Por isso, na ginástica artística (GA) o apoio dos pais é ainda mais importante para a formação de atletas de elite, afinal, trata-se de uma prática esportiva de início precoce (Nunomura et al., 2010; Pinheiro et al., 2014). Com isso, as famílias passam a ter papel fundamental para que as crianças e adolescentes possam se manter treinando, pois há uma dependência maior dos pais para o transporte, a alimentação e o suporte emocional (Costa et al., 2021; Nunomura & Oliveira, 2013, 2014; Schiavon & Soares, 2016).

No que tange a literatura acerca da temática, Nunomura e Oliveira (2013) avaliaram o suporte parental de ginastas brasileiros em formação (masculino e feminino), das categorias pré-infantil (9 – 10 anos), infantil (10 – 12 anos) e juvenil (12 – 14 anos) e identificaram que o apoio dos pais, na maior parte das vezes, é positivo para os atletas em formação. Os pais desempenham diferentes papéis durante a formação dos ginastas, desde a introdução e o acesso ao esporte, a continuidade na prática, o envolvimento com a modalidade, até o bem-estar físico e emocional. Ainda

assim, foram identificados fatores negativos, quando o envolvimento dos pais passa a ser entendido como cobrança pelos jovens atletas, podendo resultar em estresse, ansiedade, conflitos entre pais e filhos e desistência do esporte.

Costa et al. (2021), por sua vez, analisaram a influência dos pais na carreira de ginastas (feminino) da categoria infantil. O estudo que interpretou os dados a partir de entrevistas com pais de atletas identificou que o suporte parental foi fundamental para a permanência na modalidade. Os autores destacam a oferta do transporte para os locais de treino, a compra de materiais específicos para o treinamento, o custeio de despesas relacionadas à participação em competições, o apoio psicológico e, em alguns casos, a mudança de estado ou cidade.

No entanto, foi identificada uma lacuna na literatura no que tange atletas de elite da GAM no Brasil. Considerando a importância do apoio parental para a formação de atletas, em consonância com o protagonismo da equipe de GAM brasileira, surgiu o seguinte questionamento: como foi a participação dos pais dos ginastas brasileiros na inserção e manutenção na prática esportiva? Sendo assim, este artigo tem por objetivo apresentar as narrativas de atletas da seleção brasileira de GAM acerca da influência parental em suas carreiras. Trata-se de parte de um projeto maior, o qual objetiva compreender aspectos da trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de GAM participantes das principais competições internacionais, entre os anos de 2013-2021.

Método

No sentido de alcançar o objetivo exposto utilizou-se da metodologia qualitativa exploratória, a qual trata-se de um método capaz de interpretar o sentido e o significado das experiências individuais (Sparkes & Smith, 2013). Para tanto, foram entrevistados cinco ginastas brasileiros, que participaram de Campeonatos Mundiais (CM) e Jogos Olímpicos (JO), entre os anos de 2013 e 2021.

O projeto de pesquisa foi autorizado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do instituto de Ciências Humanas (CEP/IH) da Universidade de Brasília, mediante parecer consubstanciado número 3.896.312. Número de registro na CONEP: 51225615.5.0000.5540. Os ginastas foram informados dos objetivos da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

A participação dos atletas da seleção brasileira de ginástica no presente estudo foi autorizada pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), a qual gentilmente cedeu espaço e tempo à pesquisadora durante a preparação dos atletas para os Jogos Pan-americanos de

Lima, no mês de julho de 2019. Na ocasião, foram ouvidos os relatos de três atletas. Em maio de 2020, outros dois ginastas foram entrevistados por chamadas de vídeo, as quais foram agendadas de acordo com a disponibilidade deles. Sendo assim, constituiu-se o quadro de cinco participantes da pesquisa, os quais foram identificados por P1; P2; P3; P4; P5.

Para o projeto maior utilizou-se de um roteiro semiestruturado, o qual foi criado com questões abertas, as quais tratavam das diferentes fases da trajetória atlética com ênfase na iniciação esportiva, no suporte financeiro, na participação dos pais, nas estruturas de treinamento e na relação treinador-atleta. Depois, foram produzidos roteiros individuais com base na biografia dos entrevistados. As entrevistas foram conduzidas a partir da técnica de funil (Sparkes & Smith, 2013). Isto é, as perguntas foram formuladas a partir de tópicos e os entrevistados eram convidados a narrar as suas experiências. Com base nas respostas, a entrevistadora formulou questões mais específicas.

Os relatos orais gravados em áudio foram transcritos na íntegra e, posteriormente, seguiu-se as orientações de Alberti (2013) para adequação do texto. O resultado foi analisado pelo grupo de pesquisa, o qual auxiliou na interpretação dos dados a partir da técnica de análise temática (Braun & Clarke, 2006).

Dessa forma, a seguir serão apresentados os resultados. Na discussão será realizado o diálogo dos achados da pesquisa com a literatura específica e, por fim, serão apresentadas algumas conclusões e limitações do estudo.

Resultados

As unidades temáticas que emergiram para esta pesquisa foram: a cultura esportiva familiar; a inserção na modalidade; o envolvimento da família; o apoio emocional; a emancipação precoce e a família da ginástica. Conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1
Sistematização dos resultados

Unidades Temáticas	Trechos das entrevistas
Cultura esportiva familiar	<p>“A minha mãe tinha na cabeça que os filhos dela iriam fazer algum tipo de esporte, pelo valor que o esporte ensina em si.” (P4)</p> <p>“A minha família também sempre foi de esportista! O meu pai fez atletismo, a minha mãe natação, meu irmão futebol.” (P1).</p> <p>“Minha mãe, quando a gente saía da escola, ela ocupava o nosso tempo no esporte, então todos fizeram esporte. Eu fui para ginástica artística [...] um (irmão) jogava handebol, o outro jogou futebol, um foi até quase alto rendimento de judô e natação e minha irmã fez judô e natação também.” (P3).</p> <p>“Eu tive toda essa influência do esporte [...] minha irmã também foi no meio de esporte.” (P2).</p>
Inserção na modalidade	<p>“Eu nunca gostei de andar e eu ia de ônibus [para o treino]. Então tinha que andar até o ponto e não era um ponto perto, tinha que andar um pouquinho e aí chegava lá perto do ginásio, também tinha que ir andando para o ginásio e tinha que fazer essa rotina toda, tanto na ida como na volta [...] aí minha avó me convencia com alguns doces [...] eu pegava sempre uma para mim e uma para o meu irmão.” (P1).</p> <p>“Os meus pais me levaram para começar a ginástica na academia da Cláudia Delgado, em Volta Redonda.” (P4).</p> <p>“Meu professor de capoeira viu que eu tinha um pouco de facilidade e falou com a minha família para me levar pra Americana (SP), que lá tinha ginástica, para eu fazer um teste.” (P5).</p> <p>então foi aí que o professor me indicou para lá junto com o meu pai que tinha conhecido.” (P3)</p> <p>“[...] minha mãe me levou, fiz o teste, passei e aí comecei a treinar.” (P1).</p> <p>“Eu comecei no judô com seis anos e era obrigado a fazer o esporte [...] aí meus pais se separaram e eu fiz um teste com 11 anos. Já comecei na equipe, éramos em quatro! Só que eu tive que aprender muito rápido a base.” (P2).</p>
Envolvimento da família	<p>“Muita aparelhagem que tinha mesmo lá em São Caetano, quem fazia, quem montava era o treinador [suprimido o nome] e o pai do P1 [suprimido o nome do atleta]. Ele trabalhava com uma fábrica de ferro, então eles montavam (os aparelhos) e davam um jeito” (P5).</p> <p>“A minha família mudou-se de Volta Redonda para o Rio de Janeiro para me incentivar no esporte. Depois quando eu tinha 11 anos, mudaram novamente para eu treinar [...] esse apoio dos meus pais foi essencial para que eu permanecesse no esporte. Nunca me faltou nada.” (P4).</p>
Apoio emocional	<p>“A minha família no começo [...] sofreu bastante! Era bem difícil, porque eu era muito novo, 13 anos, e já longe de casa. Se bem que eu morava lá e vinha para a casa todo final de semana, mas mesmo assim, né? Mas deu certo! Eles iam para lá (São Caetano), eu vinha para cá (Americana), ligava todo dia! Então, eles sempre acompanharam muito mesmo eu estando longe. [...] eles sempre me apoiaram! [...] mas às vezes quando eu falava: ‘ah, não quero mais’. Eles falavam: ‘volta, não quer, volta’. Mas eu pensava diferente e falava: ‘não, vou ficar, não vou ir embora... agora não’. E fui ficando, fui ficando, foi indo, mas eles sempre me apoiaram sim.” (P5).</p> <p>“No meu grupo de atletas apenas eu permaneci, outros desistiram. Ficaram pelo caminho por falta de apoio das famílias.” (P4).</p> <p>“A rotina de um atleta é muito difícil! Então, ele se estressa na escola, estressa no treino, volta para casa e se ele tiver um outro estresse, aí estoura. Então acho que a família faz parte nesse sentido. Na hora de acalmar! Você voltar para casa e não receber uma bucha, eu acho que isso tira um pouco a cobrança de treinar e estudar, faculdade, essas coisas.” (P3).</p> <p>“A palavra-chave para o meu sucesso é apoio! Minha família não mediu esforços para me apoiar.” (P4).</p> <p>“Eles sempre apoiaram bastante [...] eu posso dizer que eu estou na ginástica até hoje por causa da minha família que sempre me incentivou, que sempre estava lá do meu lado!” (P1).</p> <p>“Ele (pai) estava me afetando nos treinos [...] o meu treinador e a psicóloga do clube marcaram uma reunião com ele [...] aí depois disso ele nunca mais me pediu para não fazer ginástica.” (P2).</p>
A emancipação precoce e a família da ginástica	<p>“Eu não tinha noção nenhuma de como viver sozinho! A gente começou a viver com outros atletas também, que estavam na mesma situação, vieram de outras cidades [...] No começo tinha uma atleta e uma treinadora, aí depois veio um treinador também. [...] Foi uma rotatividade de atleta muito grande [...] a gente fez amizade, praticamente família, fez uma outra família de atletas!” (P3).</p> <p>“Eu fazia tudo no clube, almoçava, jantava e tinha a ‘família’ na ginástica.” (P2).</p>

Discussão

Cultura esportiva familiar

De acordo com Peres e Lovisolo (2006, p. 212), independente do estilo de vida, a família é “[...] o principal agente social que contracenava com o atleta”, afinal, ela é responsável por orientar a prática esportiva e fornecer suporte emocional e financeiro. Nessa esteira, os padrões de comportamento de uma criança estão fortemente influenciados pelas crenças, valores e cultura da família. Portanto, uma família que valoriza o esporte tende a incentivar seus filhos a praticar diferentes modalidades esportivas (Costa et al., 2021). Tal fato foi constatado nos relatos dos ginastas entrevistados, conforme trechos das entrevistas:

“A minha mãe tinha na cabeça que os filhos dela iriam fazer algum tipo de esporte, pelo valor que o esporte ensina em si.” (P4).

“A minha família também sempre foi de esportista! O meu pai fez atletismo, a minha mãe natação, meu irmão futebol.” (P1).

“Minha mãe, quando a gente saía da escola, ela ocupava o nosso tempo no esporte, então todos fizeram esporte. Eu fui para ginástica artística [...] um (irmão) jogava handebol, o outro jogou futebol, um foi até quase alto rendimento de judô e natação e minha irmã fez judô e natação também.” (P3).

De acordo com Coutinho et al. (2018) existe uma relação diretamente proporcional entre as crenças dos pais na influência positiva do esporte com o divertimento da criança e gosto pelo esporte.

Outro entrevistado é filho de profissionais de Educação Física, e, por isso, segundo ele “[...] teve toda essa influência do esporte” (P2). De acordo com o atleta, o pai (faixa preta de judô) e a mãe (nadadora), sempre incentivaram a prática de esportes aos filhos, especialmente o judô e a natação. Isso fez que ainda cedo ele tivesse experiências esportivas distintas, as quais possivelmente colaboraram para a formação esportiva do atleta. Isso porque na medida em que a criança tem maior contato com diferentes esportes ela tem condições de conhecer e identificar aquele que sente maior prazer em praticar (Tsukamoto & Nunomura, 2005).

Côté (1999), ao relatar as condições da vida familiar de jovens atletas ao longo dos períodos de tempo de formação esportiva (a experimentação; a especialização; e os anos de investimento) identificou que, inicialmente, os pais foram responsáveis por despertar o interesse dos filhos pelo esporte e permitir que experimentassem uma ampla variedade de atividades, sem foco em treinamento intenso. Além disso, o autor destacou que os irmãos dos jovens atletas, analisados por ele, experimentaram uma variedade

de atividades extracurriculares na infância (Côté, 1999). Fato similar também foi constatado na presente pesquisa, afinal, os ginastas brasileiros contaram que os seus irmãos também foram incentivados a praticar esportes desde cedo e receberam, nessa primeira fase, os mesmos estímulos. Sendo assim, é possível identificar que a cultura esportiva faz parte das famílias dos participantes dessa pesquisa. Com isso, as famílias ofertaram vivências esportivas variadas, incluindo a iniciação na GAM.

Inserção na modalidade

A inserção no esporte, bem como a manutenção, depende quase que exclusivamente dos pais, especialmente nas modalidades ginásticas, pois não são tão comuns no Brasil locais que ofertam a modalidade (Nista-Piccolo & Schiavon, 2014; Nunomura et al., 2010). Por isso, a vivência da modalidade em muitos casos é restrita aos locais específicos, em geral clubes e associações esportivas, em parceria ou não com entidades públicas (Oliveira, 2010).

Schiavon e Soares (2016) pesquisaram a influência dos pais na carreira esportiva de atletas de ginástica artística feminina. A partir de entrevistas, as autoras destacaram a ampla participação dos pais, ou parentes próximos, no processo de ingresso no esporte. Segundo as autoras, tais presenças foram fundamentais para levá-las aos locais de treinamento, acompanhá-las em competições e/ou financiar os custos de treinamentos e competições. Ainda que tal pesquisa tenha se debruçado sobre o setor feminino, observou-se similaridades com as narrativas dos atletas da GAM entrevistados para essa pesquisa, especialmente no que tange ao início no esporte, conforme narrado:

“Os meus pais me levaram para começar a ginástica na academia da Cláudia Delgado, em Volta Redonda.” (P4).

“[...] minha mãe me levou, fiz o teste, passei e aí comecei a treinar.” (P1).

“[...] então foi aí que o professor me indicou para lá (escola de ginástica) junto com o meu pai” (P3).

“Meu professor de capoeira viu que eu tinha um pouco de facilidade e falou com a minha família para me levar para Americana – SP, que lá tinha ginástica, para eu fazer um teste.” (P5).

Tais frases enfatizam a participação dos pais no processo de inserção na modalidade. No caso de P5, os pais providenciaram o transporte para que ele pudesse experimentar a modalidade na cidade vizinha.

Portanto, é possível inferir a forte influência parental não apenas na inserção no esporte, como no transporte diária aos treinos. Sobre isso, P1 contou que no início de sua trajetória esportiva, a longa caminhada até o local de treinamento, assim como o retorno para casa, desmotivava-o a continuar. Mas, a sua avó, que o

acompanhava no trajeto, sempre lhe oferecia um doce como recompensa. Nas palavras dele:

“[...] uma bomba de chocolate! Eu pegava sempre uma para mim e uma para o meu irmão!” (P1).

Nesse trecho é possível observar a importância da família para o transporte do atleta ao local de treinamento e corrobora com os achados de outras pesquisas. Por exemplo, o estudo de Lopes et al (2016) identificou que o deslocamento de atletas ao local de treinamento é um fator de abandono da prática da GA.

Além disso, a família de P1 contou com o apoio da avó que, além de fazer o trajeto de ônibus e caminhar para conduzir o neto aos treinos, encontrou uma estratégia para motivar o atleta a continuar. O fato de a avó oferecer um doce ao neto dá indícios de que a família o via com necessidades e interesses de uma criança (Carter-Thuillier et al., 2022), ainda que fosse um atleta em formação.

A situação foi diferente para P2, como ele contou:

“Eu comecei no judô com seis anos e era obrigado a fazer o esporte [...] aí meus pais se separaram e eu fiz um teste (para equipe de GAM) com 11 anos. Já comecei na equipe, éramos em quatro! Só que eu tive que aprender muito rápido” (P2).

Portanto, o atleta demonstrava vontade de iniciar na GAM, porém, apenas aos 11 anos de idade teve a oportunidade, quando a mãe dele o conduziu ao local que oferecia a modalidade. Tal fato corrobora com a afirmação de Nunomura e Oliveira (2013), os quais afirmam que os pais são responsáveis pela inserção das crianças no esporte e por direcioná-los para equipes esportivas. No caso de P2 o início na GAM foi tardio em relação aos demais participantes da pesquisa.

Envolvimento da família

Barreiros et al. (2014) sugerem que, na medida em que o interesse da criança cresce em um determinado esporte, o envolvimento dos pais com o mesmo esporte também aumenta. Na mesma direção, os estudos de Barker-Ruchti e Schubring (2016) e Zurc (2017), os quais investigaram a trajetória esportiva de ginastas (GAF) da Suécia e da Eslovênia, respectivamente, identificaram que na proporção em que as filhas se envolvem mais com a modalidade, os pais se esforçam para dar suporte emocional e oportunizar facilidades.

Tal situação também foi observada presente pesquisa, conforme é possível observar na trajetória esportiva de P1. O pai do ginasta contribuiu com a construção de diversos equipamentos de ginástica para ele e a equipe do SERC-Santa Maria, a qual é administrada pela Associação de Ginástica Artística Di Thiene de Pais e Mestres (AGITH). Por meio dessa associação, os pais são convidados a

contribuir com as condições de treinamento e competições dos atletas. Esse fato foi reforçado por outro entrevistado:

“Muita aparelhagem que tinha mesmo lá em São Caetano, quem fazia, quem montava era o treinador e o pai do P1 [suprimido o nome do atleta]. Ele trabalhava com uma fábrica de ferro, então eles montavam (os aparelhos) e davam um jeito” (P5).

A existência de uma associação de pais elucida a importância da participação dos genitores na trajetória esportiva dos ginastas. Tais entidades têm “por objetivo auxiliar as atividades administrativas, pedagógicas, sociais e a arrecadação de recursos para a manutenção da equipe e da estrutura do ginásio.” (Nunomura & Oliveira, 2014, p. 127). As associações de pais costumam auxiliar no sentido de estabelecer comunicação entre as famílias e a equipe técnica, para, então, buscar soluções para situações cotidianas do esporte, tais como: organização de eventos, compra ou conserto de materiais, confecção de uniformes e arrecadação de renda para despesas relacionadas ao treinamento ou competições.

A mãe de P1, por exemplo, presidiu a AGITH, ou seja, foi a responsável pela gestão das ações da associação esportiva local. Depois disso, tornou-se presidente da Federação Paulista de Ginástica, a qual é o órgão máximo dos esportes ginásticos no estado com maior número de entidades filiadas no país (Schiavon et al., 2014). A participação ativa na carreira esportiva de sucesso do filho foi um dos motivos para que ela se lançasse ao cargo.

Tal envolvimento dos pais também foi encontrado em pesquisa similar com atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica. Ao tratar do apoio parental, Nakashima et al. (2018) destacaram a eficácia parental. Dentre os fatores listados, os autores identificaram a participação das mães na confecção de *collants* e sapatilhas para treinamento e competições, além disso, constataram o envolvimento parental em ações para arrecadar renda para a associação de pais.

Nessa esteira, Danioni et al. (2017) indicam que tal envolvimento pode ser benéfico na aceitação dos valores esportivos, desde que haja uma relação empática entre pais e filhos, o que possivelmente ocorreu no caso de P1. O envolvimento da família, neste caso, pode ser considerado como um fator para além do encorajamento, pois trata-se de um envolvimento ativo na trajetória esportiva do filho. Ademais, reforça o que foi anunciado anteriormente acerca da cultura familiar, isso porque ao se envolverem com questões específicas do esporte, as famílias possivelmente experienciam aquilo que gostariam ou pretendiam ter vivenciado (Alves & Becker, 2021).

O envolvimento da família de P4 envolveu a mudança de cidade. Diante das limitações estruturais para o treinamento da GAM em sua cidade natal (interior do

estado do Rio de Janeiro) mudou-se para a capital, após ser aprovado para compor a equipe do Clube de Regatas do Flamengo. Na ocasião, aos sete anos de idade, a família mudou-se junto para que o ginasta pudesse dar continuidade na modalidade, nas palavras dele:

“A minha família mudou-se de Volta Redonda para o Rio de Janeiro para me incentivar no esporte. Depois quando eu tinha 11 anos, mudaram novamente para eu treinar [...] esse apoio dos meus pais foi essencial para que eu permanecesse no esporte. Nunca me faltou nada.” (P4).

Costa et al. (2021) salientaram que quanto mais envolvida a atleta está na ginástica, maior é a demanda para os pais, tanto no sentido emocional quanto em questões organizacionais (transporte, despesas, alimentação etc.). As autoras afirmam que tais demandas podem gerar um desequilíbrio familiar, a ponto de alterar o estilo de vida das famílias. No caso da família de P4, a mudança de cidade.

Estudos com atletas de elite revelaram que os pais sacrificaram suas vidas pessoais, quando não dos outros filhos, para permitir que seu filho-atleta tenha sucesso esportivo (Furtado & Costa, 2020; Reis et al., 2016). No entanto, apesar do extremo envolvimento dos pais de P4 e P1, tal fato se mostrou nessa pesquisa numa perspectiva positiva. De certa forma, contrariando os achados da pesquisa de Nunomura e Oliveira (2014), os quais identificaram aspectos negativos quando tal participação é exagerada. Os autores afirmaram que pais envolvidos demasiadamente tendem a demonstrar excesso de expectativa em relação aos resultados das filhas e tal fato gerava maior ansiedade, podendo até mesmo comprometer a percepção de competência da ginasta.

Apoio emocional

Barker-Ruchti e Schubring (2016), ao descreverem a trajetória esportiva de Marie (ex-ginasta sueca) destacaram o apoio parental dado à atleta quando houve a necessidade de mudança de cidade para que ela treinasse com a seleção nacional. Por diversas vezes, Marie ligou para casa dividindo as suas angústias e medos. Os pais eram, então, o apoio emocional que ela teve para se manter treinando, mesmo que longe da família. Tal situação também foi identificada na trajetória de dois atletas. P5 contou como foi a experiência de mudar-se, ainda no início da adolescência:

“A minha família no começo [...] sofreu bastante! Era bem difícil, porque eu era muito novo, 13 anos, e já longe de casa. Se bem que eu morava lá e vinha para a casa todo final de semana, mas mesmo assim, né? Mas deu certo! Eles iam para lá (São Caetano), eu vinha para cá (Americana), ligava todo dia! Então, eles sempre acompanharam muito mesmo eu estando longe.” (P5).

O entrevistado contou que durante esse período em que morava em república e passava a semana longe dos

familiares, por algumas vezes, cogitou desistir do esporte. Nesses momentos, os pais dele ofereciam o retorno para casa, e, de certa forma, ele se sentia protegido e apoiado.

Além disso, quando o atleta alcança a elite da modalidade, o suporte emocional advindo dos pais se destaca. Nos momentos em que os atletas apresentam baixa motivação e excesso de ansiedade, de modo geral, é nos pais que eles buscam conforto e segurança. Isso se dá especialmente por meio de *feedbacks* positivos relacionados a habilidade e capacidade que o filho apresenta (Côté, 1999). O que se concretiza no relato a seguir:

“A palavra-chave para o meu sucesso é apoio! Minha família não mediu esforços para me apoiar.” (P4).

Da mesma forma, P1 contou que o esporte fez e ainda faz parte dos pilares da família. A participação da família de P1 foi e ainda é intensa. Ele falou emocionado durante a entrevista:

“Eles sempre apoiaram bastante [...] eu posso dizer que eu estou na ginástica até hoje por causa da minha família que sempre me incentivou, que sempre estava lá do meu lado!” (P1).

Por outro lado, Amado et al. (2015) identificaram que os pais podem ser uma fonte de pressão aos atletas, especialmente para os atletas do sexo masculino. No entanto, nenhum dos ginastas entrevistados nessa pesquisa relatou a pressão por resultados oriunda dos pais.

Outro fator que pode ser considerado negativo em relação aos pais dos atletas diz respeito a falta de envolvimento dos pais. Nesses casos, existe maior probabilidade de abandono do esporte (Knight, 2019; Ledochowski et al., 2012; Lopes et al., 2016). Isso foi observado na narrativa de um dos entrevistados dessa pesquisa, conforme a seguir:

“No meu grupo de atletas apenas eu permaneci, outros desistiram. Ficaram pelo caminho por falta de apoio das famílias.” (P4).

P2, por sua vez, contou a dificuldade que teve em receber o apoio do pai para continuar praticando a GA. Ele confessou:

“Ele (o meu pai) estava me afetando nos treinos.” (P2).

O ginasta sentia-se pressionado a desistir da modalidade. Situação similar foi constatada na pesquisa de Nunomura e Oliveira (2014) com ginastas do setor feminino. Os autores observaram a falta de participação dos pais na carreira esportiva de ginastas brasileiras como fator negativo. Alguns treinadores relataram a necessidade de chamar os pais para reuniões no sentido de alertá-los para a necessidade de ofertar suporte às filhas (Nunomura & Oliveira, 2014). Algo que também ocorreu na trajetória de P2, ele contou:

“O meu treinador e a psicóloga do clube marcaram uma reunião com ele (pai) [...] aí depois disso ele nunca mais me pediu para [...] não fazer ginástica.” (P2).

Coutinho et al. (2018) constataram que a relação conflituosa entre pais e filhos pode ser um fator negativo da influência parental em atletas. Portanto, os pais podem influenciar de forma individual diretamente o atleta. Isso se dá especialmente a partir de questões emocionais (Nortes et al., 2021) e, por isso, tal influência pode ser positiva ou negativa (De Bosscher et al., 2015). Sobre isso, o ginasta brasileiro comentou:

“A rotina de um atleta é muito difícil! Então, ele se estressa na escola, estressa no treino, volta para casa e se ele tiver um outro estresse, aí estoura. Então acho que a família faz parte nesse sentido. Na hora de acalmar! Você voltar para casa e não receber uma bucha [repreensão], eu acho que isso tira um pouco a cobrança de treinar e estudar, faculdade, essas coisas.” (P3).

A respeito das responsabilidades acadêmicas, Côté (1999) salientou a redução de cobrança dos pais de atletas de elite na fase de investimento, ou seja, quando o atleta está se dedicando integralmente ao esporte e participando de competições internacionais relevantes, os pais tendem a não exigir bom desempenho escolar/universitário. Na mesma direção, P3 lembrou que ele foi o único filho que não parou de praticar esporte ao final do ensino médio, época em que os irmãos começaram a trabalhar e contribuir com a renda familiar. Isso porque o entrevistado recebia bolsa do Programa Federal Bolsa-Atleta, a qual varia de R\$370,00 à R\$ 15.000,00 ao mês, de acordo com os resultados obtidos em anos anteriores (Brasil, 2022).

O fato de atletas de elite precisarem conciliar as suas atividades relacionadas ao esporte com estudo ou trabalho. Os autores alertam para a necessidade de haver um acompanhamento institucional. Isto é, que os órgãos esportivos ofereçam informações e apoio para a carreira esportiva e acadêmica, a fim de preparar o atleta para o período pós-carreira (Rodrigues da Costa et al., 2021).

A emancipação precoce e a família da ginástica

Como visto, a busca de locais com condições de treinamento mais propícias para o treinamento da GA é muitas vezes o motivo de jovens atletas saírem de casa (Zurc, 2017). P3 contou que aos 11 anos de idade a equipe de ginástica de Ribeirão Preto – SP encerrou as suas atividades, impossibilitando a sua continuidade no esporte, tendo em vista que a cidade não oferecia outra opção. Na ocasião, ele passou a se dedicar à prática do skate, mas a mãe dele não aprovava que ficasse tanto tempo nas ruas. Por este motivo, cerca de um ano depois, ela entrou em contato com o técnico da equipe do SERC-Santa Maria oferecendo o filho como atleta. Na semana seguinte, P3 mudou-se sozinho para a cidade de São Caetano – SP. Ele contou como foi a experiência de morar em alojamento de atletas:

“Eu não tinha noção nenhuma de como viver sozinho! A gente começou a viver com outros atletas também, que estavam na mesma situação, vieram de outras cidades [...]. No começo tinha uma atleta e uma treinadora, aí depois veio um treinador também. [...] Foi uma rotatividade de atleta muito grande [...] a gente fez amizade, praticamente família, fez uma outra família de atletas!” (P3).

A mudança de cidade significou uma emancipação precoce do atleta. Apesar de ser comum que ginastas, não só brasileiros, migrem de cidade em busca de melhores condições de treinamento (Barker-Ruchti & Schubring, 2016; Nunomura & Oliveira, 2012) é importante ponderar as consequências da independência antecipada. Isso porque entende-se que a supervisão e companhia da família é fundamental para formação cidadã.

Vale destacar que o estudo de Caetano et al. (2020) concluiu que ginastas brasileiros nascidos em grandes cidades possuem maior chance de alcançar rendimento esportivo. Isso se deve, possivelmente, as questões estruturais oferecidas para o desenvolvimento do esporte, fato que corrobora com esta pesquisa tendo em vista que três dos entrevistados relataram a necessidade de mudança de cidade para a manutenção no treinamento.

A referência à família da ginástica também esteve presente no relato de P2, ao narrar a rotina diária de treinamento, ele mencionou: “

“Eu fazia tudo no clube, almoçava, jantava e tinha a ‘família’ na ginástica.” (P2).

A emoção ao falar na família da ginástica é também percebida em pesquisas com atletas de outras modalidades. Massa et al. (2010) identificaram que atletas olímpicos de judô consideram a equipe técnica e os colegas de equipe como uma “grande família”. Na referida pesquisa, os judocas olímpicos reforçaram que a amizade entre eles cultivou um ambiente particularmente interessante para o processo de desenvolvimento do talento.

Sendo assim, percebe-se que os pais podem contribuir com a trajetória esportiva de atletas por meio de diferentes atitudes de acordo com as diversas fases de treinamento que o atleta se encontra. Inicialmente, cabe as famílias oportunizarem diferentes modalidades esportivas aos filhos. Em um segundo momento, os pais são responsáveis por providenciar facilidades para a manutenção do atleta no treinamento (transporte, material, logística e facilidades). Por fim, quando o atleta já está competindo na elite da modalidade, o maior suporte dos pais está relacionado às questões emocionais (Burgess et al., 2016; Coutinho et al., 2018; Fraser-Thomas et al., 2008; Reis et al., 2016; Zurc, 2017). Além disso, o apoio dos pais deve ser equilibrado a ponto que não haja cobranças por resultados, controle excessivo e *feedbacks* negativo sobre a performance (Barreiros et al., 2014; Costa et al., 2021; Coutinho et al., 2018; Nunomura & Oliveira, 2014).

Vale destacar que os aspectos das trajetórias esportivas (citados na introdução) se relacionam e, ao mesmo tempo, são fortemente influenciados pelo passado, presente e futuro dos atletas (Farrow et al., 2013). Dessa forma, os domínios da vida privada, do estudo e do esporte, tanto em micro, meso ou macro nível se mostraram relevantes para a construção da carreira esportiva de sucesso (De Bosscher et al., 2015). Portanto, reforça-se a responsabilidade de treinadores e das instituições esportivas, tais como federações, confederações e comitês olímpicos, como influenciadores da permanência no esporte (Vargas et al., 2021).

Conclusão

Ao apresentar as narrativas de atletas da seleção brasileira de ginástica artística masculina (GAM) acerca da influência parental em suas carreiras foi possível identificar que: os ginastas entrevistados advêm de famílias que acreditam nos valores da prática de esportes, por isso eles e quando o caso, os irmãos “,” foram incentivados desde cedo ao esporte, e, em alguns casos, os pais também tinham o vivenciado; a inserção na modalidade ocorreu, sobretudo, a partir dos pais; durante o período de especialização, os pais dos ginastas apresentaram maior envolvimento, incluindo a participação em associações esportivas e mudança de cidade; o apoio emocional se mostrou importante em todas as fases, especialmente quando os atletas precisaram mudar-se de cidade; quando não houve apoio dos pais, a inserção na modalidade se deu mais tarde e o atleta encontrou apoio na família da ginástica; não foi relatado envolvimento excessivo que viesse comprometer o treinamento.

Portanto, conforme observado nos relatos dos ginastas entrevistados, as famílias que estão inseridas na cultura esportiva tendem a propiciar para as crianças maior contato com diferentes modalidades. Além disso, a inserção na modalidade, bem como a manutenção, depende fortemente dos pais. Em alguns casos, o apoio parental se estende para outras gerações, como aqui identificado o suporte oferecido pela avó de um dos atletas.

Ao chegar ao final da pesquisa tem-se a certeza de ter preenchido apenas algumas dentre as inúmeras lacunas a respeito da GAM. É necessário que o meio acadêmico observe a modalidade com a singularidade que merece. Por isso, registra-se o incentivo para que pesquisadores conduzam estudos a respeito desse esporte ainda pouco praticado e estudado no Brasil. Seria importante, por exemplo, ouvir atletas que não chegaram à elite do esporte; entrevistar treinadores de categorias de base e da seleção brasileira poderia ser um terreno fértil para a compreensão do fenômeno; familiares de atletas certamente ajudariam na compreensão das barreiras e

facilitadores encontrados para o desenvolvimento de ginastas no país.

Por fim, o presente artigo foi construído com base na análise singular dos pesquisadores. Além disso, a amostra foi composta por atletas bem-sucedidos, logo, não representam os muitos ginastas que abandonaram o esporte ao longo das fases de formação esportiva, o que se entende por uma limitação da pesquisa.

Referências

- Alberti, V. (2013). *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Alves, Y. C., & Becker, A. P. S. (2021). Prática esportiva e relacionamento familiar: uma revisão da literatura. *Pensando famílias*, 25(2), 31-47.
- Amado, D., Sánchez-Oliva, D., González-Ponce, I., Pulido-González, J. J., & Sánchez-Miguel, P. A. (2015). Incidence of parental support and pressure on their children's motivational processes towards sport practice regarding gender. *PLoS one*, 10(6), e0128015. doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0128015>.
- Amorose, A. J., Anderson-Butcher, D., Newman, T. J., Fraina, M., & Iachini, A. (2016). High school athletes' self-determined motivation: The independent and interactive effects of coach, father, and mother autonomy support. *Psychology of sport and exercise*, 26, 1-8. doi: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2016.05.005>.
- Barker-Ruchti, N., & Schubring, A. (2016). Moving into and out of high-performance sport: The cultural learning of an artistic gymnast. *Physical education and sport pedagogy*, 21(1), 69-80. doi: <https://doi.org/10.1080/17408989.2014.990371>.
- Barreiros, A., Côté, J., & Fonseca, A. M. (2014). From early to adult sport success: Analysing athletes' progression in national squads. *European journal of sport science*, 14(sup1), S178-S182. doi: <https://doi.org/10.1080/17461391.2012.671368>.
- Brasil (2022). Bolsa-Atleta. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-atleta>. Acesso em: 08 Ago. 2022.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101. doi: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.
- Burgess, N. S., Knight, C. J., & Mellalieu, S. D. (2016). Parental stress and coping in elite youth gymnastics: an interpretative phenomenological analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 8(3), 237-256. doi: <https://doi.org/10.1080/2159676X.2015.1134633>.
- Caetano, C. I., Sentone, R. G., López-Gil, J. F., Caetano, H. B. S., & Cavichioli, F. R. (2020). Influência do tamanho e densidade populacional no rendimento esportivo da ginástica artística brasileira (Influence of population size and density on sports performance of Brazilian artistic gymnastics). *Retos*, 38, 66-70. <https://doi.org/10.47197/retos.v38i38.74338>
- Carter-Thuillier, B., Gallardo-Fuentes, F., Bossay Salinas, C., Carter-Beltran, J., Parra-Saldías, M., Leiva Pinto, E., & Pérez de Arce, M. (2022). Valores asociados a la práctica físico-deportiva durante la infancia y la adolescencia: un estudio multicaso con alumnado inmigrante y chileno (Values associated with physical-sports practice during middle childhood and adolescence: a multi-case st. *Retos*, 45, 96-103. <https://doi.org/10.47197/retos.v45i0.92235>

- Costa, A. R., Lopes, M. J. A., de Souza Dias, A. P., & Cardozo, P. L. (2021). A influência parental na carreira de jovens atletas de Ginástica Artística. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*, (41), 804-811. doi: <http://dx.doi.org/10.47197/retos.v41i0.79362>.
- Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. *The sport psychologist*, 13(4), 395-417. doi: <https://doi.org/10.1123/tsp.13.4.395>.
- Coutinho, P., Mesquita, I., & Fonseca, A. M. (2018). Influência parental na participação desportiva do atleta: uma revisão sistemática da literatura. *Revista de psicología del deporte*, 27(2), 47-58.
- Danioni, F., Barni, D., & Rosnati, R. (2017). Transmitting sport values: The importance of parental involvement in children's sport activity. *Europe's journal of psychology*, 13(1), 75. doi: <https://doi.org/10.5964/ejop.v13i1.1265>.
- De Bosscher, V., Shibli, S., Westerbeek, H., & Van Bottenburg, M. (2015). *Successful elite sport policies: an international comparison of the sports policy factors leading to international sporting success (SPLISS 2.0) in 15 nations*. Meyer & Meyer Sport.
- Farrow, D., Baker, J., & MacMahon, C. (2013). *Developing sport expertise: Researchers and coaches put theory into practice*. Routledge.
- Fraser-Thomas, J., Côté, J., & Deakin, J. (2008). Examining adolescent sport dropout and prolonged engagement from a developmental perspective. *Journal of applied sport psychology*, 20(3), 318-333. doi: <https://doi.org/10.1080/10413200802163549>.
- Furtado, R. S., & Costa, G. H. O. (2020). Perspectiva docente sobre as “repercussões” da Base Nacional Comum Curricular na formação de professores de Educação Física. *Revista Cocar*, 14(28), 681-701.
- Knight, C. J. (2019). Revealing findings in youth sport parenting research. *Kinesiology Review*, 8(3), 252-259.
- Knight, C. J., Berrow, S. R., & Harwood, C. G. (2017). Parenting in sport. *Current Opinion in Psychology*, 16, 93-97. doi: <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.03.011>.
- Ledochowski, L., Unterrainer, C., Ruedl, G., Schnitzer, M., & Kopp, M. (2012). Quality of life, coach behaviour and competitive anxiety in Winter Youth Olympic Games participants. *British Journal of Sports Medicine*, 46(15), 1044-1047. doi: <https://doi.org/10.1136/bjsports-2012-091539>.
- Lopes, P., Oliveira, M. S., Fátima, C. R. D., & Nunomura, M. (2016). Motivos de abandono na prática de ginástica artística no contexto extracurricular. *Revista brasileira de educação física e esporte*, 30, 1043-1049. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000401043>.
- Massa, M., Uezu, R., & Böhme, M. T. S. (2010). Judocas olímpicos brasileiros: fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 24(4), 471-481. doi: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000400005>.
- Nakashima, F.S., Nascimento Junior, J. R. A. D., Vissoci, J. R. N., & Vieira, L. F. (2018). Envolvimento parental no processo de desenvolvimento da carreira esportiva de atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica: construção de um modelo explicativo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 40(2), 184-196. doi: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.01.016>.
- Nista-Piccolo, V., & Schiavon, L. M. (2014). A ginástica artística como proposta educacional. In Nista-Piccolo, V. & Toledo, E. (eds.). *Abordagens pedagógicas do esporte* (pp.97-116). Papirus Editora.
- Nortes, E. S., Díaz, M. G., & García, C. R. (2021). Resiliência y optimismo en gimnasia rítmica. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*, (41), 581-588. doi: <https://doi.org/10.47197/retos.v0i41.83086>.
- Nunomura, M., Carrara, P. D. S., & Tsukamoto, M. H. C. (2010). Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão!. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 24(3), 305-314. doi: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000300001>.
- Nunomura, M., & Oliveira, M. S. (2013). Parents' support in the sports career of young gymnasts. *Science of Gymnastics Journal*, 5-18.
- Nunomura, M., & Oliveira, M. S. (2014). A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 28, 125-134. doi: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092014005000004>.
- Oliveira, M. S. (2010). *O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008*. [Dissertação de Mestrado em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas].
- Peres, L., & Lovisollo, H. (2006). Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. *Journal of Physical Education*, 17(2), 211-218.
- Pinheiro, M. C., Pimenta, N., Resende, R., & Malcolm, D. (2014). Gymnastics and child abuse: An analysis of former international Portuguese female artistic gymnasts. *Sport, Education and Society*, 19(4), 435-450. doi: <https://doi.org/10.1080/13573322.2012.679730>.
- Reis, C. P., Ferreira, M. C. C., & Moraes, L. C. C. D. A. (2016). O apoio dos pais ao desenvolvimento da carreira de atletas masculinos de basquetebol. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 38, 149-155. doi: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.10.007>.
- Rodrigues da Costa, F., Torregrossa, M., Figueiredo, A., & Gonçalves Soares, A. J. (2021). Hacerlo más fácil: Una revisión narrativa de estudios empíricos sobre carrera dual (Make it easier: A narrative review of dual-career empirical studies). *Retos*, 41, 104-111. <https://doi.org/10.47197/retos.v0i41.81906>.
- Schiavon, L. M., & Locci, B. (2018). Brazilian olympic gymnasts' perspectives on their participation in the Olympic Games. *Science of Gymnastics Journal*, 10(3), 437-451.
- Schiavon, L. M., & Soares, D. B. (2016). Parental support in sports development of Brazilian gymnasts participants in the Olympic Games (1980-2004). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30, 109-118. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100109>.
- Schiavon, L. M., de Queiroz Lima, L. B., de Oliveira Ferreira, M. D. T., & da Silva, Y. M. (2014). Análise da formação e atualização dos técnicos de ginástica artística do Estado de São Paulo. *Pensar a prática*, 17(3).
- Sparkes, A. C., & Smith, B. (2013). *Qualitative research methods in sport, exercise and health: From process to product*. Routledge.
- Tsukamoto, M.H.C., & Nunomura, M. (2005). Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 26, 3, 159-176.
- Vargas, P. I., dos Reis, F. D. G., Leite, N., & Capraro, A. M. (2021). The sporting trajectory of elite athletes in artistic gymnastics: a systematic review. *Science of Gymnastics Journal*, 13(3), 337-441.
- Zurc, J. (2017). It was worth it-i would do it again!: phenomenological perspectives on life in the elite women's artistic gymnastics. *Science of Gymnastics Journal*, 9(1).

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.